

DOSSIÊ

A religião na pós-modernidade.
Uma homenagem a Gianni Vattimo

Editores responsáveis

Ceci Maria Costa Baptista Mariani,
Breno Martins Campos.

Conflito de interesse

Não há conflito de interesses.

Recebido

4 mar. 2025

Versão final

1 jul. 2025

Aprovado

18 ago. 2025

Tensionamentos da secularização na pós-modernidade: uma leitura de Vattimo

Tensions of secularization in postmodernity: A reading of Vattimo

Luís Mauro Sá Martino^{1,2,3} 

¹ Faculdade Cásper Líbero, Cursos de Jornalismo e Audiovisual. São Paulo, SP, Brasil. *E-mail*: <ImSamartino@gmail.com>

² Faculdade Paulus de Comunicação, Cursos de Comunicação. São Paulo, SP, Brasil.

³ Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, Cursos de Comunicação. São Paulo, SP, Brasil.

Como citar este artigo: Martino, L. M. S. Tensionamentos da secularização na pós-modernidade: uma leitura de Vattimo. *Reflexão*, v. 50, e2515118, 2025. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v50a2025e15118>

Resumo

O filósofo italiano Gianni Vattimo dedicou boa parte de seus estudos sobre religião, particularmente sobre secularização, na tentativa de compreender a relação entre crenças e práticas religiosas, de um lado, e Modernidade/Pós-Modernidade, de outro. A partir de pesquisa bibliográfica, este texto apresenta uma leitura das concepções do filósofo sobre secularização a partir de três tensionamentos: (1) com o lugar da religião no debate Modernidade/Pós-Modernidade; (2) com a matriz sociológica da secularização; e (3) com as possibilidades e limites de articulação do conceito a partir do Sul. Ao final, entende-se que Vattimo propõe entender a secularização em uma relação de oposição ao fenômeno religioso, mas de complementaridade dentro de uma perspectiva pós-moderna.

Palavras-chave: Modernidade. Pós-modernidade. Religião. Secularização. Vattimo.

Abstract

Italian philosopher Gianni Vattimo devoted much of his studies on religion, particularly secularization, to an attempt to understand the relationship between religious beliefs and practices, on the one hand, and Modernity/Postmodernity, on the other. Based on bibliographical research, this text presents a reading of the philosopher's conceptions on secularization from three perspectives: (1) the place of religion in the Modernity/Postmodernity debate; (2) the sociological origins of secularization; and (3) the possibilities and limits of articulating the concept from the South. It argues that Vattimo proposes to understand secularization in a relationship of opposition to the religious phenomenon, but of complementarity within a postmodern perspective.

Keywords: Modernity. Post-modernity. Religion. Secularization. Vattimo.

Introdução

Dentre os autores que trabalham as questões relacionadas à discussão sobre Modernidade e Pós-Modernidade, Gianni Vattimo parece ser o que mais dedicou estudos à religião. Embora seja possível encontrar trabalhos como os de Martelli (1995) ou Bauman (2000), é Vattimo quem demonstrou uma preocupação mais constante com o assunto ao longo de cerca de vinte anos de publicações, entrelaçando a questão religiosa em um diálogo, sobretudo Nietzsche e Heidegger, a respeito da pós-modernidade.

Vattimo trabalha as várias dimensões da questão religiosa em pelo menos duas obras integralmente dedicadas ao tema: *Crer que se crê* (Vattimo, 2018), publicada em 1996, e *Depois da Cristandade* (Vattimo, 2004), originalmente de 2002. Há também a introdução de um seminário organizado em Capri, em 1996, do qual participaram, entre outros, nomes como Gadamer e Derrida (Vattimo, 2006) e um diálogo com Rorty (Vattimo, Rorty, 2004). Soma-se a isso um capítulo dedicado ao tema em *Adeus à verdade* (Vattimo, 2016), originalmente de 2009, e menções em *O Fim da Modernidade* (Vattimo, 2002), de 1985.

A extensão de sua obra sobre religião sugere uma preocupação em acompanhar as transformações do período em que escreve, de meados dos anos 1980 até o início da década de 2010, marcado por profundas mudanças históricas, políticas e econômicas, sociais e tecnológicas. Seu contexto espacial, no entanto, é bastante definido: trata-se de um diálogo com as questões ligadas à religião tal como se apresentam na Europa ocidental, em especial na Itália, seu país natal. O próprio Vattimo (2004; 2018) restringe o alcance de suas colocações sobre religião e não parece argumentar em termos de qualquer pretensão de universalidade. Ao contrário, ele define que suas buscas sobre o assunto têm raízes pessoais, procurando dialogar com problemas a partir de suas dúvidas individuais sobre crença, fé ou pertencimento religioso (Vattimo, 2018).

Este texto delinea aspectos iniciais de uma leitura das concepções de Vattimo sobre religião na pós-modernidade a partir de um destaque para a ideia de secularização. O conceito é trabalhado a partir de três tensionamentos: com suas condições de origem no debate Modernidade/Pós-Modernidade, com algumas das raízes sociológicas do conceito e a partir de um cenário brasileiro que coloca desafios a algumas das proposições do filósofo italiano, ao mesmo tempo em que parece oferecer subsídios para outras. O objetivo, mais do que propor uma leitura fechada, é abrir questionamentos para pensar as contribuições e os limites de sua obra.

Em termos metodológicos, trata-se de um ensaio bibliográfico elaborado a partir de dois recortes principais. Em primeiro lugar, tomou-se como material de análise apenas as obras de Vattimo publicadas no Brasil, entendendo que uma interpretação dos fenômenos de uma região pode ser pautada em obras acessíveis para esse público. Segundo, dos vários conceitos ligados ao tema na obra do filósofo italiano, optou-se, por razões de espaço, em restringir o debate sobre a questão da “secularização”, que parece ocupar um lugar central em sua abordagem do tema.

Não se trata, portanto, de uma discussão de todos os aspectos de sua obra, mas de um recorte definido, sem pretensões a esgotar o tema – não se discutirá, por exemplo, os pormenores de sua herança filosófica ou de seu debate com Nietzsche e Heidegger, entre outros – e reconhecendo-se a validade de outras entradas e leituras.

No que se segue, a leitura proposta se desenvolve em três movimentos, cada um tensionando o conceito de secularização a partir de uma perspectiva. Discute-se inicialmente 1 a secularização do lugar da religião no debate Modernidade/Pós-Modernidade; 2 de que maneira o conceito

apresentado pelo filósofo tensiona com sua matriz sociológica; e 3 como as condições específicas das religiosidades latino-americanas desafiam e corroboram algumas dessas proposições.

O tensionamento com o debate Modernidade / Pós-Modernidade

Ao longo de sua obra, Vattimo parece usar um conceito bastante amplo de religião, incluindo desde um aspecto individual da crença até suas formas institucionalizadas. Essa extensão é reconhecida pelo autor:

Todos nós vivemos a relação com o sagrado, Deus, as razões últimas da existência que em geral são o tema da religião (aviso, de uma vez por todas, que vou me permitir usar esses termos sem perseguir definições rigorosas, pelo menos nessa espécie de conversa em público) como a representação de um núcleo de consciência que tínhamos esquecido (...) (Vattimo, 2018, p. 8).

A abordagem de Vattimo sobre religião transita entre as várias dimensões assumidas pelo tema, dedicando-se não necessariamente a formular uma filosofia da religião, mas a propor uma compreensão da religião na contemporaneidade a partir de uma matriz filosófica. Sua discussão do assunto vai desde as questões próximas da teologia, ao abordar o problema da Encarnação como aspecto articulado com a secularização, até os aspectos institucionais da religião, seus posicionamentos políticos e conflitos internos.

Dessa maneira, falar da perspectiva filosófica de Vattimo no tocante à religião significa lembrar de uma multiplicidade de problemas e definições abordado por ele ao longo de sua obra. A título de exemplo, se no capítulo dedicado à secularização em *Adeus à verdade* (Vattimo, 2015) ele se debruça sobre o problema da Encarnação como uma aproximação “secular” de Deus, em *Crer que se crê* (Vattimo, 2018) os aspectos institucionais do catolicismo ganham uma proeminência muito maior, ao mesmo tempo em que nos estudos de *Depois da Cristandade* (Vattimo, 2004) e *O futuro da religião* (Vattimo, Rorty, 2004), a leitura é feita a partir do problema da “morte de Deus”.

Essa diversidade, se não permite de saída imaginar qual seria uma “teoria da religião”, para Vattimo, ajuda a verificar sua intenção de trabalhar as várias facetas da questão sem resumi-la a uma única proposição – postura, aliás, talvez incompatível com a perspectiva pluralista assumida em certos discursos ligados à Pós-Modernidade. Essa última temática, aliás, parece ser uma das chaves de análise para a compreensão da religião na perspectiva do filósofo italiano.

Não é aqui, evidentemente, por questões de foco e escopo, o lugar de discutir os pormenores da noção de “pós-modernidade”. No entanto, parece importante delinear alguns aspectos desse conceito na medida de sua importância, no pensamento de Vattimo, para a compreensão da religião.

As discussões sobre o conceito de Pós-Modernidade levadas a efeito, entre outros, por Bauman (2000), Lermet (2000), Touraine (2000) e Lyotard (2004), sugerem uma certa polissemia do termo em relação à abrangência do conceito. Do mesmo modo, trabalhos brasileiros sobre o tema em Vattimo, como Teixeira (2006), Silva (2011), Gonçalves (2018), Bottoni (2022) ou Silva (2022) mostram uma preocupação não tanto em definir o conceito, mas observar sua formação em contraste com uma multifacetada de crise da Modernidade ou, em certa medida, sua superação.

O prefixo “pós”, como assinalado em outros momentos (Martino, 2014) não se refere a algo “contra”, mas a um momento posterior ainda sem definição própria. Falar de “pós-moderno” remete, em primeiro lugar, a um tempo “após a modernidade”, mas ainda desprovido de características que permitam sequer nomeá-lo “Por este percurso, Vattimo não se restringe a um período posterior à Modernidade – sabendo que isso poderia levar a uma representação do ponto

de vista moderno-metafísico –: a pós-modernidade aponta, assim, para uma leitura crítica dos ideais legitimadores do período da Modernidade” (Silva; Azevedo, 2019, p. 50).

Dessa maneira, o pós-moderno se apresenta, em geral, por contraste com a Modernidade, seja na revisão crítica ou no abandono de algumas de suas premissas – talvez, em primeiro lugar, a ideia da uma “razão” como “grande narrativa” teleológica do humano em suas variadas vertentes (Lyotard, 2004). O pós-moderno se afirma não tanto como um “Anti-Moderno”, mas como a constatação da diluição do “projeto filosófico” da Modernidade em termos da promessa de emancipação humana. Aos sucessivos desafios à racionalidade, ainda no âmbito filosófico e cultural, como nas obras de Nietzsche, Freud e Heidegger, em que pesem as profundas diferenças entre eles, corresponde também um esgotamento da promessa da Modernidade sobretudo após as Guerras Mundiais.

É a partir desses espaços, paradoxalmente centrais, que a noção de Pós-Modernidade vai se espalhar por outros lugares como crítica de uma Modernidade muitas vezes ainda incipiente ou mesmo, em alguns casos, inexistente. A crise do pensamento Moderno que resvala para o nascimento de uma Pós-Modernidade não é uma questão circunscrita, de fato, mas é preciso nuança-la em termos geopolíticos antes de se fazer alguma transposição automática de suas premissas.

É questionável em que medida pode-se falar de conceitos como “Modernidade”, “Crise” ou “Pós-Modernidade”, sem qualificações ou ressalvas, em outras áreas do planeta que, embora sob domínio direto ou indireto do Ocidente geopolítico, tiveram histórias consideravelmente diferentes, em situações de conflito, contradição e problemáticas bastante diferentes daquelas nas quais essas ideias foram formuladas. Essa ressalva não significa o abandono do conceito, mas seu tensionamento a partir de outros cenários. “Vattimo parte da premissa de que, dentre os conceitos modernos em crise, as ideias de história unitária e progresso passam por uma dissolução quando se contextualiza a contemporaneidade numa configuração pós-moderna” (Silva, 2011, p. 226).

Escrevendo no contexto de uma Pós-Modernidade europeia, Vattimo procura situar a questão da religião em relação ao discurso crítico a seu respeito formulado na Modernidade. Em linhas gerais, a investida do Iluminismo contra a religião prometia uma emancipação do ser humano em relação às amarras da “superstição” nos quais se estaria preso – é representativo disso a ideia de tirar as pessoas “da minoridade em que voluntariamente se encontram”, na proposição conhecida de Kant (2008). Ao que tudo indica, não haveria mais espaço para uma narrativa religiosa diante das “grandes narrativas” da Modernidade, pautadas em uma racionalidade científica, política e econômica que prometia uma utopia de felicidade no futuro, ainda que com sacrifícios no presente.

No discurso sobre a Pós-Modernidade, o final da Segunda Guerra, o prolongamento dos conflitos na Guerra Fria, os genocídios e a utilização dessa racionalidade moderna como máquina de extermínio mostram os limites sem saída da Modernidade e a necessidade de sua superação. A primeira via disso, lembra Jameson (1997), é a partir da estética, com o Pós-Modernismo, enquanto modo de pensar estético, sendo o precursor imediato da Pós-Modernidade, entendido como um fenômeno cultural e social de maior dimensão.

Essa revisão crítica da Modernidade implica pensar também até que ponto a investida contra a religião efetivamente trouxe algum tipo de mudança positiva na condição humana, ao mesmo tempo em que se observava o que alguns autores denominavam “retorno do religioso” ou “dessecularização”: “O fato é que o ‘fim da modernidade’ ou, em todo caso, sua crise, levou consigo também a dissolução das principais teorias filosóficas que acreditavam ter liquidado a religião: o cientificismo, positivista, o historicismo hegeliano e depois o marxista” (Vattimo, 2018, p. 17).

O discurso da Modernidade havia anunciado, a partir de Hegel e Nietzsche, o deslocamento da divindade, até então fundamento absoluto último da realidade, para uma posição relativa. Uma religião pós-moderna não poderia retornar a um ponto anterior a essa afirmação, colocando-se diante de um desafio paradoxal: ser religião em uma época na qual “Deus está morto”. “As ‘consequências’, por assim dizer, da morte de Deus estão para além da crítica à religião e seus costumes; representam uma ruptura com os valores máximos. Deus é apenas o nome ao qual se remetem todos os outros valores, valor máximo que sintetiza todos os outros” (Araujo, 2012, p. 43).

Vattimo busca pensar o religioso, na Pós-Modernidade, não a partir de uma perspectiva do “retorno do sagrado”, tal como existiu em outro momento, mas procurando verificar as condições de possibilidade da religião – cristã, sobretudo, em um contexto ocidental – diante da “morte de Deus”, do lugar agora lateral ocupado pela narrativa religiosa e dos problemas institucionais de posicionamento das igrejas em relação aos questionamentos contemporâneos. Para Perez (2012, p. 206), “a religião que retorna, livre do peso metafísico, acena para a possibilidade de realização no cristianismo de sua vocação de secularização e de superação da violência metafísica”.

E entender, sobretudo, como a religião se mantém viva nesse cenário. Isso parece levar Vattimo a pensar a religião pós-moderna na perspectiva de uma discussão sobre as questões da secularização, assunto do próximo tópico.

Tensionamentos da secularização: entre o sentido e a “morte de deus”

A secularização é uma das trilhas mais definidas do pensamento de Vattimo sobre religião na pós-modernidade. Embora não exista um livro dedicado exclusivamente a esse tema, há uma interrogação transversal a respeito do que constitui, efetivamente, um processo que possa ser intitulado “secularização”, seus desenvolvimentos, hesitações e limites. O espaço dado pelo filósofo ao assunto sugere a necessidade de alguma reflexão a respeito.

[Em Vattimo] existe uma ampliação e reformulação do conceito de secularização, que não é entendido apenas na acepção negativa, de perda do sentido do sagrado, mas também e sobretudo na acepção positiva, de diluição das fronteiras entre sagrado e profano, de impregnação e mascaramento do sagrado nas vivências e conceitos da sociedade pós-moderna (César, 2006, p. 126).

É interessante notar qual é a perspectiva com a qual o filósofo dialoga. Originalmente elaborado dentro das Ciências Sociais, o conceito de secularização é alvo do interesse de Vattimo a partir de uma discussão filosófica sobretudo com Nietzsche e Heidegger, dois de seus principais interlocutores, com ecos de Hegel parecendo conduzir a discussão de um ponto de vista mais recuado no tempo. “Secularização é a palavra que corresponde, em Vattimo, à noção de ‘pensamento fraco’, e aborda a crise da razão como crise da metafísica e das filosofias do ser”, indica César (2006, p. 122).

Dessa maneira, o filósofo italiano não trabalha a ideia de secularização de uma perspectiva sociológica, nem em termos da “ausência” ou “retorno do sagrado”, no sentido de sociólogos como Berger (2019), mas procura entender o trânsito e eventual dissolução de conceitos como “crença”, “sagrado”, “religião” e, talvez com mais ênfase, “Deus”. Em Vattimo, a noção de secularização se entrelaça na discussão entre Modernidade e Pós-Modernidade dentro do pensamento contemporâneo.

Nos estudos de Sociologia da Religião, o tema da secularização é objeto de intensos debates a respeito de suas premissas, concepções e potencial interpretativo, em um debate que se estende por décadas (Martin, 2003, 2005; Pfautz, 1955; Roof, 1976). A discussão sobre a secularização como “fim do religioso” na Modernidade ou, no sentido contrário, uma “dessecularização” como “retorno do religioso” na Pós-Modernidade parece ser uma daquelas temáticas inesgotáveis, secundadas por uma ampla bibliografia voltada para as tomadas de posição relativas a cada uma dessas concepções (Bauman, 2000; Martino, 2016; Pierucci, 1997, 1998; Souza, 1986).

Em linhas gerais, a ideia de secularização tende a se referir à perda progressiva de importância da religião nos assuntos públicos, seu afastamento das questões oficiais de administração do Estado e da vida política, reduzindo sua influência à esfera particular de cada pessoa ou grupo imediato (Carroll, 1985; Chadwick, 1995; Dobbelaere, 1981; Martin, 1991, 2005; Monod, 2007). Mesmo nesse aspecto, o declínio da frequência a igrejas, a diminuição no número de fiéis participando da vida institucional e a retração, quando não desaparecimento, de fatores religiosos nas escolhas individuais também estão ligados a esse processo. A religião teria se tornado “pessoal” ou “indivisível” (Besecke, 2005; Luckmann, 2014).

É sobretudo Weber (1991), em seus estudos sobre religião, quem avança essas teses, pautado em uma interpretação da Modernidade como um período caracterizado por uma racionalidade progressivamente dominante. A secularização estaria ligada a um processo histórico amplo no qual as demandas de sentido do indivíduo deixam de ser providas pelo discurso religioso, substituídas por uma interpretação laica e, em boa parte, científica da realidade – o significado da ação social deixa de ser creditado em primeira e última instância a um compromisso religioso compartilhado por uma sociedade. Isso encontra um eco em Vattimo, para quem, na leitura de Soares (2013, p. 43), “vivemos em uma sociedade em que os significados se multiplicam, se acumulam e são postos à venda”.

A chamada “Revolução Científica” apresenta-se junto com o Iluminismo como um desafio à religião como detentora do monopólio da verdade em termos discursivos. É o momento no qual a Razão, posteriormente apropriada pelo capitalismo como racionalidade econômica, passa a se apresentar não só como uma antítese da crença, entendida como “superstição”, mas também como caminho privilegiado para a compreensão do ser humano.

Esse aspecto de importância da ciência, em particular, e a racionalidade moderna alteram o que Weber (1991) chama de “visão de mundo”, substituindo progressivamente uma concepção “mágica” da realidade, dentro de sua vertente institucionalizada pela religião, por uma matriz racional, na qual não há espaço público para o sagrado – é a tese do “desencantamento do mundo”. “O modelo ‘weberiano’ pode ser estendido a qualquer relação da modernidade com o texto bíblico que, afinal, durante muitos séculos foi também a referência suprema para toda a interpretação do mundo” (Vattimo, 2004, p. 60).

A religião como forma política, social e institucional, se retrai dos espaços públicos, ao mesmo tempo em que a própria ideia de fé, objetivada na frequência às igrejas e adesão a denominações religiosas, sofre uma queda cada vez mais acentuada a partir da segunda metade do século XIX – época do capitalismo triunfante, de uma ciência que se arroga a possibilidade de explicar toda a realidade e estados nacionais centralizados.

As perguntas de Vattimo, diante desse cenário desenvolvido pelas Ciências Sociais, parece se dirigir a um de seus aspectos fundadores: se, nesse processo histórico da Modernidade, houve efetivamente um deslocamento da religião de sua presença no espaço público, quais são seus fundamentos filosóficos? Em que medida se justifica, na esfera da elaboração conceitual, um processo de tal ordem? E como explicar a existência da religião diante da secularização?

A resposta elaborada pelo filósofo italiano não segue um único caminho, mas parece se organizar em torno de algumas ideias principais – no centro, a discussão a respeito da “morte de Deus”, fenômeno talvez anunciador de uma “pós-modernidade”. É interessante notar que, em sua discussão sobre a secularização, Vattimo dialoga com Weber:

Segundo Weber, o capitalismo só poder ser explicado como consequência da realização daqueles princípios éticos. O sentido em que emprego o termo secularização é exatamente este: uma aplicação interpretativa da mensagem bíblica que a desloca para um plano que não é estritamente sacramental, sagrado, eclesiástico (Vattimo, 2004, p. 60).

Sua abordagem parece tomar como ponto de partida essas considerações, mas não as apresenta ou discute em termos de sua validade. O diálogo se dirige sobretudo em termos de questionar como foi possível que tenha se dado a formação de uma “visão de mundo” na qual uma forma de religião – não toda – se tornou supérflua.

Para Vattimo (2018), o modelo de secularização não é interpretado como declínio da religião, mas, ao contrário, como sua condição dentro de uma sociedade pós-moderna. Apenas uma religião secularizada, por paradoxal que o termo soe à primeira leitura, pode ser entendida e vivida como tal, separando-se de suas outras esferas de atuação, como a política e os Estados, e tornando-se uma experiência, de fato, religiosa. “Ora, a secularização significa, exatamente e antes de tudo, relação de proveniência de um cerne de sagrado do qual nos afastamos e que, todavia, permanece ativo, mesmo em sua versão ‘decaída’, distorcida, reduzida a termos meramente mundanos, etc.” (Vattimo, 2018, p. 9).

Dessa maneira, se há um diálogo com a perspectiva de secularização de matriz sociológica, sua interpretação a partir da filosofia estabelece um aspecto positivo: secularização como pluralidade de interpretações que permite à própria religião seguir atuante em um mundo pós-moderno, no qual a racionalidade moderna se dilui no fluxo de interpretações, propostas e discursos concorrentes, sem precedência deste ou daquele.

A conexão de Vattimo com o tema se estabelece de maneira indireta a partir do confronto com a discussão sobre Modernidade e Pós-Modernidade. A contrapartida, mas também complementação, da concepção weberiana de secularização seria a tese de Nietzsche sobre a morte de Deus. “Quando Nietzsche diz ‘Deus morreu’, ele não quer dizer que Deus não existe, porque isso implicaria novamente um tipo de tese metafísica sobre a estrutura da realidade” (Vattimo, 2006, p. 86).

Uma sociedade secular, à primeira vista, eliminaria a divindade como fundamento. Essa leitura aproximativa, no entanto, parece ser questionada por Vattimo: a secularização e a morte de Deus são processos próximos, mas não sinônimos ou equivalentes, e nessa tensão parece ser possível entrever as possibilidades de um “cristianismo não-religioso” (Vattimo, 2004). Nesse aspecto, o filósofo italiano oferece uma linha de pensamento que entende a morte de Deus não como consequência linear de uma Modernidade, mas como sua crítica – ou “efeito colateral”: um deus morto é um deus pós-moderno.

Dentro de sua perspectiva filosófica, Vattimo entende a crítica de Nietzsche e, mais ainda, de Heidegger, como uma afronta à Modernidade a partir de seu aspecto técnico-racional; a racionalidade que, em seu extremo, leva a uma perda dos próprios valores modernos. Essa crítica se estende à esfera religiosa: a Modernidade, nessa interpretação, se equilibrou em um impasse entre a perspectiva de eliminação dos valores religiosos como um dos pontos centrais da sociedade de um lado, e a ausência de uma proposição forte o suficiente para tomar seu lugar.

O resultado, na concepção de Vattimo, parece ser uma pluralidade fragmentária do pós-moderno onde a religião ocupa um lugar ambíguo: não foi eliminada pelo projeto Moderno, mas não é capaz de reconstruir sua hegemonia pré-moderna, tornando-se um valor entre outros. Vattimo aponta que a volta do religioso seria marcada pela busca de identidade e à recusa da modernização enquanto causa de destruição das raízes da existência (Araujo, 2003, p. 53).

Pensar a secularização como “morte de Deus” significa, prolongando a metáfora, entender o que fazer com essa divindade agora. Como entender a vivência da crença, quando se trata de uma perspectiva salvacionista, se o sentido último da realidade não se afirma mais no compartilhamento dessas concepções?

Nesse sentido, Vattimo entende que sua compreensão de secularização se defronta com outras teologias da secularização no século XX, especificamente as que ignoram a perda do sagrado como as que enxergam somente a secularização como forma de autonomia dos indivíduos. Segundo o filósofo de Turim, a secularização é intrínseca à *kénosis* e, portanto, representa a aproximação de Deus do mundo, não poderoso e absoluto, mas humanizado e plenamente aberto à pluralidade (Kirchner, Sales, 2024, p. 180).

A “morte de Deus” não significa, para o filósofo italiano, o “fim da religião”, mas uma transformação – não há mais uma categoria universal de fundamentação das ações: em seu lugar, entram uma concepção pluralista na qual não há mais universais. Como, nesse caso, viver uma crença que só pode se sustentar a partir de seu fundamento em um deus universal quando não há mais espaço para esse tipo de divindade? A secularização não eliminou a religião, mas rebaixou-a de sua concepção universalista pautada na ideia de um deus único para uma concepção entre outras, em uma situação na qual nenhuma doutrina pode se auto-outorgar a pretensão ao universal.

Não por acaso, explica Vattimo, é possível entender aspectos do fundamentalismo como uma resposta possível a esse impasse, sobretudo no sentido de revalorizar o espaço da religião na sociedade – estendendo, pela via da força, sua capacidade política de interferir na vida social. É a partir disso, entre outros fatores, que se abre caminho para pensar alguns desses pressupostos a partir de uma leitura do Sul.

Tensionamentos da secularização a partir do Sul

“Deus morreu” na América Latina? Dentro dos estudos de religião, é questionável se, e em que medida, há ou houve um processo de secularização na região correlato ao ocorrido na Europa (Alcalá, 2018; Martino, 2016; Bolán, 1972; Martin, 1991; Romero, 2018). Embora seja um modelo de amplo potencial hermenêutico para analisar as transformações da religião na sociedade, o conceito de secularização foi formulado, e encontra suas principais evidências na Modernidade europeia com suas próprias características, e é a partir desse referencial que Vattimo trabalha seu conceito.

É nesse contexto que se pode perguntar, na esteira de trabalhos como os de Bolán (1972), Souza (1986) ou Pierucci (1997, 1998): qual secularização encontra sua contrapartida na experiência religiosa latino-americana, em especial brasileira? Até que ponto esse conceito sobreviveria a um tensionamento com fenômenos como o sucesso de padres-cantores, celebrações de denominações pentecostais e neopentecostais enchendo estádios de futebol, templos lotados de fiéis ou lideranças com milhões de seguidores em redes sociais? Qual conceito de secularização é possível diante do tensionamento com a formação de bancadas religiosas nas casas legislativas ou nos adesivos de igrejas colados em carros?

Esses elementos apresentam uma complexidade que desafia um conceito linear de secularização, indica Barreira (2017) e, de certa maneira, a própria ideia de uma “secularização positiva”, como denomina Vattimo (2018). Evidentemente seria precipitado se pautar nesses fenômenos empíricos para deixar de lado a força do conceito de secularização, mas parece ser importante observar esses tensionamentos a partir do Sul.

Um dos principais desafios ao conceito de secularização, em particular, é a compreensão da força da religião em sociedades laicas, que teria em seu modelo principal os Estados Unidos – onde uma Modernidade semelhante, em alguns aspectos, à europeia, convive com uma população majoritariamente religiosa (Monod, 2007; Rosello, 2007). Ao trabalhar a especificidade da secularização na Europa, o resgate feito por Vattimo da crítica à Modernidade por Nietzsche e Heidegger parece procurar preencher essa lacuna – a diminuição de importância da religião não se dá apenas por conta da técnica, mas também por uma transformação de mentalidade que parece ter se mantido restrita à Europa Ocidental (Chadwick, 1995).

Em algumas de suas matrizes, o fenômeno da secularização, via Europa, se espalhou ao redor do planeta na forma de uma racionalidade econômica na qual o pensamento capitalista, as questões ligadas à produção, circulação e consumo de bens ultrapassa em importância outras dimensões da vida, inclusive as religiosas. Nesse sentido, seria possível falar em uma “secularização” atrelada ao desenvolvimento de uma lógica econômica na América Latina.

Um segundo aspecto diz respeito ao sucesso, em boa medida, da separação entre Estado e Igreja em quase toda a América Latina após os movimentos de independência durante o século XIX – a obrigatoriedade do registro civil de nascimentos, casamentos e mortes, a educação laica por parte do Estado e o fim da presença de autoridades eclesásticas em cargos governamentais seriam indício de uma bem-sucedida secularização.

No entanto, é possível questionar em que medida esse modelo efetivamente se aplica à América Latina: se há uma equivalência entre Modernidade e secularização, como se dá a articulação desses conceitos na região, diante de uma série de fenômenos empíricos que, todos os dias, desafiam essa concepção?

A exclusão da religião das esferas de Estado, na região, não significou o fim da influência de denominações na tomada pública de decisões a respeito de temas ligados a valores caros às denominações religiosas (Martino, 2016; Miranda, 2005). Ao contrário, há um progressivo crescimento da presença e ação da religião no espaço público, desde o ensino religioso pago pelo Estado até a existência de representações inter-denominacionais nas casas legislativas – dentro de um pluralismo que o filósofo italiano entende como positivo: “Minha intenção é, acima de tudo, mostrar como o pluralismo pós-moderno permite (a mim, mas creio que também a todos, em geral) reencontrar a fé cristã” (Vattimo, 2004, p. 12).

É possível argumentar em contrário, com Connolly (1995), que essa participação se dá em igualdade de condições com outras instituições sociais, sem privilégios ou predisposições favoráveis. A presença da religião na política seria antes um sintoma da secularização: como acontece no caso europeu, trata-se agora apenas de mais uma voz dentro de uma sociedade pluralista, com o mesmo direito de todas as outras no sentido de reivindicar seus próprios interesses, desde que legítimos e legitimados a partir de uma base outra que não religiosa (Vattimo, 2004).

Dito de outra maneira, a participação da religião nos assuntos públicos não seria um índice de “dessecularização”, mas, ao contrário, uma evidência de que, em uma sociedade secular, ninguém pode reivindicar qualquer tipo de precedência na tomada de decisões (Casanova, 2012; Chaves, 1994; Martin, 2005; Spohn, 2003).

Isso, de alguma maneira, daria força à concepção de Vattimo (2004) sobre o aspecto da secularização ligada à “morte de Deus” como paradoxo fundante de um conflito interno no âmbito da crença: não importaria, em tese, qual a crença efetiva de uma pessoa ou grupo desde que, na vida pública, suas ações sejam pautadas pelas mesmas regras dos outros – não há reivindicação possível de precedência em nome de um deus que está morto.

Esse argumento parece pressupor uma equivalência entre a Modernidade europeia e latino-americana. Quando o filósofo italiano se refere a qualquer outro contexto fora da Europa, há uma perspectiva de igualdade de direitos e proximidade de condições, em uma concepção que se apresenta não só como plural e democrática, mas também procura se mostrar conscientes dos limites de uma mirada eurocêntrica. Vattimo (2004) destaca a necessidade de olhar as formas religiosas que buscam se “opor ao universalismo comprometido com o eurocentrismo do pensamento e da política ocidental moderna”.

Exatamente por isso, vale perguntar em que medida é possível falar de uma secularização, na América Latina, como consequência da Modernidade.

Schwartz (1988) parece capturar essa questão no título de um de seus ensaios mais conhecidos: *As ideias fora do lugar*. Sem a pretensão de resumir ou discutir seus argumentos, pode-se tomar como base a ideia segundo a qual a Modernidade brasileira e, de certa forma, latino-americana, sempre esteve pronta a adotar as ideias mais recentes da Europa sem, no entanto, que as condições sociais, econômicas e políticas vigentes permitissem sua implementação.

Trata-se, portanto, de uma Modernidade fragmentária, na qual as ideias e concepções mais “avançadas” vindas da Europa se deparavam com uma sociedade muito diferente daquela onde elas se originavam – sobretudo a questão fundiária, a existência de uma elite da terra, o predomínio do rural e a economia pautada na exploração do trabalho de pessoas escravizadas. Esse cenário de contradições de uma Modernidade sonhada, eventualmente planejada, mas dificilmente implementada como tal na América Latina permite questionar em que medida o processo político de secularização (separação entre Igreja e Estado, ensino laico, diminuição ou eliminação de privilégios eclesiásticos) efetivamente levou à existência de um correlato social de transformação na concepção da vida (a ideia de “Deus está morto”).

As transformações religiosas no continente certamente estão ligadas, em alguma medida, ao processo de secularização da sociedade, mas não dentro de um princípio supostamente linear como no caso europeu. O cenário se desenhou de maneira consideravelmente diferente – ao que parece, nunca houve uma “morte de Deus” na América Latina, mas certo deslocamento da esfera religiosa de um lugar central para lateral. Soma-se a isso, no caso brasileiro, um outro fator de tensionamento: o declínio no número de fiéis da igreja Católica e a consolidação do Protestantismo, em suas várias vertentes, como força religiosa de monta na política e, sobretudo, na sociedade (Pierucci, 2003).

Pensar as condições de secularização no Brasil implica levar em conta as religiões e religiosidades de variadas matrizes, hegemônicas e contra-hegemônicas, assim como as tensões, lutas e resistências ligadas às práticas religiosas para as quais o problema da “morte de Deus” ou do “declínio da religião” talvez não se coloquem senão como tangencial na medida em que suas preocupações se orientam para as dinâmicas de permanência contra-hegemônica diante de um cenário historicamente marcado pelo monopólio.

O cenário religioso multifacetado e marcado por desigualdades históricas de reconhecimento, direitos e condições de prática das próprias crenças sugere a necessidade de pensar a noção de secularização como um fenômeno social, sem dúvida, mas talvez nem tanto

dentro da própria esfera religiosa – não só da prática, mas também da crença: à afirmação de Nietzsche (2005) de que “Deus está morto”, trabalhada por Vattimo como um ponto central de seu debate, poderia ser colocada outra questão: “qual deus morreu?” em termos de uma perspectiva que englobe mais denominações e religiosidades para além daquelas de onde o filósofo escreve.

Considerações Finais

É preciso, isto sim, favorecer uma presença conjunta livre e intensa – certamente assumindo também como modelo de democracia simbólica justamente o museu, com sua aproximação de estilos, gostos, culturas diversas – de múltiplos universos simbólicos, segundo um espírito de hospitalidade que expressaria bem quer a natureza *leiga* da cultura ocidental, quer sua profunda origem cristã (Vattimo, 2004, p. 128).

Na concepção de Vattimo, o fato de algumas denominações religiosas abraçarem as concepções da Modernidade, seus valores e técnicas, é um sinal da secularização tanto quanto o refúgio em uma cidadela de normas rígidas e concepções inatacáveis, voltadas para criar um muro contra um mundo moderno irremediavelmente condenado.

A ideia de secularização, em Vattimo, parece levar em conta esse lugar incerto ocupado pela religião no contemporâneo. Sem ter sido eliminada uma superstição do passado, como era ambicionado pelo projeto Iluminista, a religião teve seu *status* diminuído: trata-se de um discurso, entre outros, dentro de uma sociedade pluralista e fragmentária, utilizando os recursos à sua disposição para encontrar um lugar – seja buscando novos espaços a partir da incorporação dos valores Modernos, seja na recusa crítica a esses mesmos valores, na ambição de recuperar uma situação anterior de hegemonia.

Vale destacar que, em uma mirada a partir do Sul, a ideia de secularização apresenta nuances consideravelmente complexas em termos de minar qualquer expectativa de linearidade, com a convivência tensional de diversas temporalidades sem necessariamente uma solução de continuidade entre elas. Nesse sentido, o pensamento de Vattimo oferece pistas a serem articuladas com as realidades locais em termos de um movimento analítico voltado para a compreensão de suas proposições a partir das especificidades da América Latina, em suas variadas e diversas situações.

Não por acaso, sua proposta diante da secularização parece ser no sentido da religião abraçar o fenômeno em termos de uma transformação em doutrina moral, mas sem um fundamento dogmático ou transcendente. O recurso de Vattimo (2016, 2018) se mostra no sentido de pensar a caritas como fundamento de uma religião não-dogmática – e, se é possível concluir com um paradoxo pós-moderno, uma religião não-religiosa.

Referências

Alcalá, F. G. La invención del espacio político en America Latina: laicidad y secularization en perspectiva. *Religião e Sociedade*, v. 38, n. 2, p. 119-147, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872018v38n2cap04>. Acesso em: 10 mar. 2025.

Araujo, F. S. Estetização e emancipação: as possibilidades éticas da pós-modernidade segundo Gianni Vattimo. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2012.

Araujo, R. B. Gianni Vattimo e a crise da modernidade. *Phronesis*, v. 5, n. 1, p. 49-62, 2003. Disponível em: <https://encurtador.com.br/w7mli>. Acesso em: 10 mar. 2025.

Barreira, M. Cristianismo, secularização e caridade. *Numen*, v. 20, n. 2, p. 118-130, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21732>. Acesso em: 10 mar. 2025.

- Bauman, Z. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- Berger, P. *Um rumor de anjos*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- Besecke, K. Seeing invisible religion. *Sociological Theory*, v. 23, n. 2, p. 179-197, 2005. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.0735-2751.2005.00249.x>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Bolan, V. *Sociologia da Secularização*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- Bottoni, I. J. A “debilidade” da religião à luz do pensamento de Gianni Vattimo. 2022. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.
- Carroll, T.G. Secularization and States of Modernity. *World Politics*, v. 36, n. 3, p. 362-382, 1985.
- Casanova, J. *Genealogias de la secularización*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012.
- César, C. M. Secularização e pós-modernidade em Gianni Vattimo. *Reflexão*, v. 31, n. 90, p. 121-127, 2006. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/download/3088/2054/7037>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Chadwick, O. *The secularization of the European mind in the 19th Century*. Cambridge: CUP, 1995.
- Chaves, M. Secularization as declining religious authority. *Social Forces*, v. 72, n. 3, p. 749-774, 1994.
- Connolly, W. C. *Why I am not a secularist*. Minnesota: MUP, 1995.
- Dobbelaere, K. Secularization: a multidimensional concept. *Current Sociology*, v. 29, n. 2, p. 3-154, 1981. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/001139218102900203>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Gonçalves, P. S. L. Religião e ética no cristianismo não religioso. *Revista Pistis*, v. 10, n. 2, p. 244-268, 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/23854/22896>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Jameson, F. *Pós-Modernismo*. São Paulo: Ática, 1997.
- Kant, I. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Ed. 70, 2008.
- Kirchner, R.; Sales, A. C. F. A secularização no pensamento de Gianni Vattimo. *Saber Humano*, v. 14, n. 25, p. 174-182, 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/tu9uk>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Lermet, C. *O pós-modernismo não é o que você pensa*. São Paulo: Loyola, 2000.
- Luckmann, T. *A religião invisível*. São Paulo: Olho d'Água, 2014.
- Lyotard, J.-F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- Martelli, S. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- Martin, D. *On secularization*. Londres: Ashgate, 2005.
- Martin, D. *Secularization*. Londres: Routledge, 2003.
- Martin, D. The secularization issue: prospect and retrospect. *The British Journal of Sociology*, v. 42, n. 3, p. 465-474, 1991. Disponível em: <https://encurtador.com.br/7lhRN>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Martino, L. M. S. *Teoria da Comunicação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- Martino, L. M. S. *The mediatization of religion*. Londres: Routledge, 2016.
- Miranda, J. *Carisma, sociedade e política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2005.
- Monod, J.-C. *Sécularisation et laïcité*. Paris: PUF, 2007.
- Nietzsche, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- Pérez, L. F. Acreditar em acreditar com Gianni Vattimo. *Numen*, v. 15, n. 1, p. 187-215, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21842>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Pfautz, H. The sociology of secularization. *The American Journal of Sociology*, v. 61, n. 2, p. 121-128, 1955. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2771726>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Pierucci, A. F. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- Pierucci, A. F. Reencantamento e secularização. *Novos Estudos Cebrap*, v. 49, n. 1, p. 99-117, 1997. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000973817>. Acesso em: 10 mar. 2025.

- Pierucci, A. F. Secularização em Max Weber. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n.37, p. 2-32, 1998. Disponível em: <https://encurtador.com.br/XU90I>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Romero, L. V.S. La secularización en el contexto sociocultural latinoamericano. *Revista Albertus Magnus*, v. 9, n. 2, p. 107-118, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7030244.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Roof, W. C. Traditional religion in contemporary society. *American Sociological Review*, v. 41, n. 2, p. 195-208, 1976. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2094469>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Rosello, M. Laïcité, grammaire, fable: Secular teaching of secularism. *Postcolonial Studies*, v. 10, n. 2, p. 153-169, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13688790701348557>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Schwartz, R. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas cidades, 1988.
- Silva, A. P. O ethos pós-moderno, pensamento fraco e ética pós-metafísica na sociedade transparente de Gianni Vattimo. 2022. 200 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.
- Silva, A. P.; Azevedo, E. A. Cultura dos dialetos e experiência estética. *Problemata*, v. 10, n. 1, p. 43-68, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/41265/27463>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Silva, R. O. O pós-moderno explicado às diferenças: a sociedade dos mass media de Gianni Vattimo. *Argumentos*, v. 3, n. 6, p. 149-160, 2011. Disponível em: <https://encurtador.com.br/bmrOo>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Silva, W. S. Sobre imagens: tecnologias invisíveis e a transparência do espetáculo. *Em Questão*, v. 17, n. 2, p. 225-236, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/emquestao/article/view/22132>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Soares, C. D. R. Arthur Danto e Gianni Vattimo: fim da arte, mass media e estetização. *Kinesis*, v. 5, n. 9, p. 36-46, 2013. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4497>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Souza, L. A. Secularização em declínio e potencialidade transformadora do sagrado. *Religião e Sociedade*, v. 13, n. 2, p. 34-55, 1986. Disponível em: <https://religioesociedade.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Religiao-e-Sociedade-N13.02-1986.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Spohn, W. Multiple modernity, nationalism and religion: A global perspective. *Current Sociology*. v. 51, n. 3, p. 265-286, 2003. Disponível em: <http://csi.sagepub.com/cgi/content/abstract/51/3-4/265>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Teixeira, E. Pós-Modernidade e Niilismo: um diálogo como Gianni Vattimo. *Alceu*, v. 7, n. 13, p. 209-225, 2006. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Bbvqy>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- Touraine, A. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Vattimo, G. *Adeus à Verdade*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- Vattimo, G. *Crer que se crê*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- Vattimo, G. *Depois da Cristandade*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- Vattimo, G. Introdução. In: Vattimo, G. (org.). *Religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.
- Vattimo, G. *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- Vattimo, G.; Rorty, R. *O futuro da religião*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.
- Weber, M. *Economia e Sociedade*. Brasília: UnB, 1991.